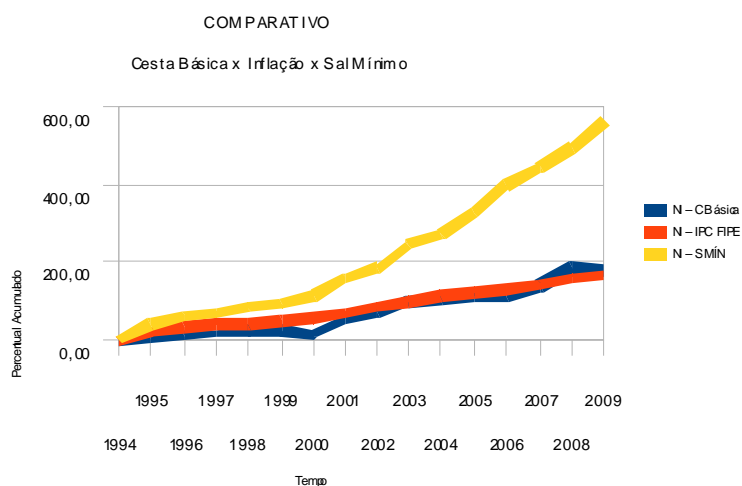


sem contabilizar os anos anteriores a 1974, excluídos das considerações deste breve escrito. Tanto é que, quando o Plano Real imprime suas iniciantes pegadas, inaugurado com o salário mínimo nacional de 70,00 reais, este sequer comprava a cesta básica orçada em 83,43 reais, apurada para a capital paulista. Agora, para seguir adiante com este ensaio, vão ser zeradas as perdas, como se fosse um reinício no qual se passa uma borracha para ao fim verificar o total destas perdas ou ganhos até dezembro de 2009 e comparar com o início. Vai ser utilizado o mesmo IPC-FIPE, indicador inflacionário do município paulista e o mais antigo do País, a evolução do salário mínimo no período pós-Real e a cesta básica na mesma capital de São Paulo, a cidade síntese de todas as contradições sociais acontecíveis.



Tomando 1994 como marco zero e trabalhando-se com médias, a cesta básica aumentou 179,28%; a inflação se elevou em 164,36% e o salário mínimo cresceu 564,29% em 15 anos. A cesta básica começou com o valor médio de 82,29 reais e terminou com 229,82 reais em dezembro de 2009. O salário mínimo inicia com 70,00 reais e finaliza com 465 reais para o mesmo mês. Se, ao princípio, ele não conseguia comprar sequer a cesta básica, ao término destes anos, passou a comprar 2 cestas. A cesta básica foi concebida como a ração essencial para alimentar um trabalhador adulto com 13 produtos de tal forma a prover suas energias com as calorias necessárias. Isso foi em 1936. Entretanto para este estudo de corte mais atual, somente nos dois últimos anos de 2007 e 2008 foi que esta cesta teve uma variação superior à inflação e não foi por excesso de demanda. Aconteceu devido ao aumento dos custos de produção, dado o desequilíbrio climático que se faz presente e atrapalha o rendimento das colheitas. Tornou-se fenômeno planetário, mais um para transtornar os trabalhadores mais pobres.

Caso forem considerados estas estimativas, das quais este autor coloca apenas os resultados a fim de não importunar a leitura com toda a construção dos cálculos, o capitalismo brasileiro estaria numa trajetória de maior tranquilidade social. E, por desencargo de consciência, foram feitos cálculos com mais dois outros índices, os mais importantes do País e frequentemente divulgados à imprensa: o IPCA, medida oficial do Governo, e o IGP, medido pela Fundação Getúlio Vargas. A conclusão foi a mesma do IPC-FIPE com valores mais ou menos próximos. O salário mínimo venceu a inflação e a cesta básica. No entanto, nestes 15 anos passaram-se dois Governos, o primeiro de FHC e o segundo de Lula, ambos com duas gestões. A julgar pelos números, o Governo FHC não deveria ter abandonado a Presidência da República e poderia ter prosseguido com seu sucessor, elegendo-o nas urnas com aprovação eleitoral maciça. O povo age pragmaticamente. Vota em resultado, naquilo que em dado momento é melhor para ele. Qual o motivo de ter destronado um Governo que ofereceu

a recuperação do salário base, provada por a e mais b, que proporcionou ao menos comer um pouco melhor? E melhor o pouco melhor do que o absolutamente nada. Como a cesta básica envolve a sobrevivência de um trabalhador adulto, agora pelo menos dois trabalhadores estariam se alimentando e tendo energias para trabalhar.

O Plano Real trouxe a estabilidade dos preços, na qual o povo votou por considerar premente esta conquista para o existir diário. Todavia, a concepção e feitura dessa nova arquitetura teórica privilegiava a contenção do consumo, o que quer dizer, deter a geração de emprego para evitar de todas as maneiras possíveis a erupção da inflação, originária pelo lado da demanda. Lembra a anedota do cavalo do filósofo. O filósofo queria acostumar seu cavalo a comer menos por gastar demais com ele. Então decidiu dar cada vez menos comida para o bicho no embornal, para verificar se a dieta o acostumava. Quando o cavalo estava quase acostumado, morreu. Esta perspectiva levada pelo lado ortodoxo, com extrema severidade, com muito poucas brechas, conduziu o Governo FHC a não conseguir emplacar seu sucessor. Os preços estavam estáveis, no entanto o crescimento econômico havia se acomodado em patamares extremamente baixos, insuficiente para ultrapassar a capacidade instalada industrial, a base de todo o desenvolvimento do capitalismo. Os empregos existentes já haviam sido em sua maior parte gerados pelo último grande plano de desenvolvimento do capitalismo brasileiro, denominado II PND, com início em 1974 e término em 1980. Esta foi a razão de Lula ter sido eleito. Foi a crítica ao desemprego para recuperar e ampliar postos de trabalho, de preferência com carteira assinada. E, diga-se de passagem, estarem ainda nesse instante, distantes do ideal de deixar o desemprego em termos ínfimos, somente friccional como se escreve nos manuais de economia.

Agora desenovelar este tema, envolve outro artigo mais específico sobre o Plano Real e o crescimento econômico, o que foge aos objetivos deste breve arrazoado.

Até breve.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.